

# Palavra é coisa freudiana

Antonio Francisco das Neves

Talvez Freud tenha tido uma relação não-ocidental com sua produção de textos, a julgar pela importância que dava à palavra do outro. Aliás, há mais dificuldades em traduzi-lo para línguas ocidentais do que para orientais.

Nenhum outro cientista, em todos os tempos, percebeu tão bem quanto Freud a importância das produções corpóreas do indivíduo para o desenvolvimento da humanidade. Com isto quero dizer que urina, gestos, palavra, esgar, pensamento, orgasmo, escrita e fezes, dentre outras tantas, foram retiradas por ele dos diferentes e às vezes indiferentes desvãos onde jaziam na vida cotidiana e na história, e levadas a ocupar seus importantes lugares na vida do homem e na teoria psicanalítica. Não incluí o amor nessa lista – nem Deus – produções humanas com fortes influências evolucionárias e coletivas que em muitos sentidos extrapolam o âmbito individual, mas isso não se constitui num problema, porque também se pode dizer que nenhum outro cientista, em qualquer tempo, valorizou tanto as produções humanas quanto Freud. Incidentalmente, é bom não ignorar que produções corporais intrinsecamente individuais não existem, como sabemos, visto que para obrá-las estamos, desde a nascença, sujeitos ao meio externo nalguma medida, aí incluído o manual de instruções que portamos, vindo do outro. Pois bem, dentre as produções citadas separo aqui as palavras, sobre as quais quero refletir um pouco<sup>1</sup>. Elas tiveram sua força percebida por Freud antes

até da descoberta de importantes aparatos conceituais com que constituiu a Psicanálise, em cuja origem já cuidou de mostrar que palavras são a ferramenta essencial do tratamento anímico – um tratamento, dizia, que parte da alma para aliviar a pessoa de suas mazelas<sup>2</sup>. Sua conclusão posterior de que o homem (no caso, o eu) não é o senhor de sua própria casa<sup>3</sup> não o levou, ainda assim, a enxergá-lo com duas naturezas, como era usual em sua época. Portanto, ele divisava o ser humano em sua constituição ideal como um ente uno e, além disso, integrado ao meio externo<sup>4</sup> (mãe, relações etc.). Porque assim o via e, dada sua inacreditável bagagem científica, Freud até chegou, em 1895, a rascunhar um projeto de “estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural [...]”<sup>5</sup> – pois, para ele, as formulações daqueles conceitos e suas definições eram apenas uma outra maneira de olhar para o mesmo objeto (o ser humano). Isso, parece-me, conforma com o que afirmam Pribram e Gill<sup>6</sup>: “De fato, o ‘Projeto’ não só apresenta, mas também sugere mecanismos neurobiológicos

Antonio Francisco das Neves é especialista em Teoria Psicanalítica (UFMG/ FUNDEP).

para conceitos psicanalíticos tão importantes quanto os processos primário e secundário, o ego, o princípio da realidade, pulsão e defesa. Embora esses conceitos sejam também desenvolvidos em escritos posteriores em bases essencialmente psicológicas, o 'Projeto' revela alguns dos pressupostos neurobiológicos encobertos com que esses conceitos estavam interligados<sup>7</sup>. Com efeito, em um de seus últimos escritos, Freud afirma a Psicanálise como "uma parte da ciência mental da psicologia", e a psicologia como uma "ciência natural"<sup>8</sup>. Visto que, pelo menos na civilização ocidental, cientistas, filósofos e religiosos *tinham certeza* de que o humano é bipartido em corpo e alma (olhar também bastante enquistado no meio médico), Freud, que disso discordava, enfrentou muitas dificuldades já nos tempos iniciais da *talking cure*. Ele, porém, persistiu nesta maneira de ver, inédita para a ciência no ocidente daqueles tem-

pos, e aprimorou-a, impondo uma guinada ao pensamento ocidental – êxito que depois foi extensamente reconhecido e enaltecido, sendo comum depararmos com afirmações como esta: "o horizonte teórico audacioso e a ousadia intelectual de Freud transfiguraram fundamentalmente o território da psicologia que existia em sua época"<sup>9</sup>. E o território da medicina, também, deve-se acrescentar.

Muitos autores já correlacionaram a origem familiar de Freud com sua, digamos, *destinação* (pela especificidade de seu olhar) a enxergar dessa maneira peculiar os humanos. Fuks, por exemplo, menciona que Lacan manifestou dúvida se se poderia conceber a Psicanálise como nascida fora da tradição judaica<sup>10</sup>.

Uma forte característica de transmissão de culturas, como a judeidade, é a linguagem, e sabe-se que a língua materna de Freud foi o iídiche, uma língua de exílio fu-

sionada do hebraico, do românico, do germano e de línguas eslavas, e escrita com caracteres hebraicos. Sua mãe, Amalie Nathansohn, falava com os filhos exclusivamente esta, que é a *mame loschen* (língua materna)<sup>11</sup>, enquanto amamentava e acariciava seu pretinho<sup>12</sup>, como apelidava o Sigi nos primeiros tempos. Kohn é outro a publicar que no vilarejo de Príbor os Freud falavam o iídiche, porque a Galícia é a zona lingüística do iídiche e o galiciano, um de seus dialetos<sup>13</sup>. Não quer isso dizer que em menino Freud não tivesse ouvido e até falado a língua da maioria da população do lugar, o tcheco. Ele escreveu: "Aliás, devo ter compreendido o tcheco nos primeiros anos de minha infância, pois nasci numa pequena cidade da Morávia com uma população eslava"<sup>14</sup>. Jones, seu amigo e biógrafo, afirma que, com a velha babá, que era tcheca, Freud falou essa língua até aos dois anos e meio<sup>15</sup>.

Nos 24 volumes da *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (E.S.B.), não há referência nem citação explícitas ao iídiche, e Kohn diz ser inútil procurar a presença do iídiche na obra de Freud. Quanto ao hebraico, Gay relata que o pai de Freud lia a Bíblia em casa, e Freud acreditava que ele "falava a língua santa tão bem ou melhor do que o alemão"<sup>16</sup>. E Jones diz de Freud: "Evidentemente, haviam lhe ensinado o hebraico"<sup>17</sup>. Novo, ainda, Freud se volta para a Bíblia, que estuda com um ótimo professor. Numa autobiografia, declara, aos 69 anos: "Meu profundo interesse pela história da Bíblia (quase logo depois de ter aprendido a arte da leitura) teve, conforme reconheci muito mais tarde, efeito duradouro sobre a orientação do meu interesse"<sup>18</sup>. Ele até sonhava com esse livro, um exemplar que seu pai lhe presenteou da notável *Bíblia de Philipppson*, que se encontra hoje no museu onde era sua casa

Visto que, pelo menos na civilização ocidental, cientistas, filósofos e religiosos *tinham certeza* de que o humano é bipartido em corpo e alma (olhar também bastante enquistado no meio médico), Freud, que disso discordava, enfrentou muitas dificuldades já nos tempos iniciais da *talking cure*.

em Londres. Numa reprodução de duas páginas dessa Bíblia, bilíngüe e fartamente ilustrada, se vê que o texto em alemão é grafado no alfabeto gótico, tendo ao lado o texto no alfabeto hebraico<sup>19</sup>.

Assim, não é difícil conjecturar que esta convivência de Freud com a fala de seus ancestrais e com as leituras bíblicas em tão pouca idade terá, sim, direcionado seu modo posterior de produzir pensamentos e de agir. Essa idéia de um inconsciente freudiano portando registros da linguagem de seus antepassados hebreus está em Kohn e em Fuks, já citados, que pesquisaram o assunto do ponto de vista psicanalítico e de maneira, a meu ver, densa e emocionante. Mas, só fui atinar o quanto pode ser importante para a ciência essa diferença entre *ver* o mundo ao modo “oriental” (antigos hebreus), ou do jeito “ocidental” (oriundo da Grécia antiga), depois que li trechos do livro *Hebrew thought compared with Greek*<sup>20</sup>. Graças a ele, cheguei nas páginas da Internet a um texto bastante sumarizado, mas que me prendeu a atenção pela forma minudente, paciente e didática com que são abordadas certas diferenças entre as culturas arcaicas de língua hebraica e grega. Sua fala simples e objetiva, que mais parece dirigida a crianças, me fez lembrar o episódio que presenciei de duas meninas assistindo a um desenho pela TV. Quando a mais nova pressentiu que logo apareceriam bruxas que lhe davam medo, tratou de se levantar da cadeira para sair da sala – ao que a mais velha, percebendo a situação, lhe explicou: “não, você não precisa sair da sala, está vendo aquele vidro na TV onde as bruxas aparecem? – ele segura as bruxas lá dentro, elas só iam poder sair da TV e entrar aqui se ele estivesse quebrado; pode vir, vamos ver, o vidro está inteiro e as bruxas não vão poder sair lá de dentro.” Surpreso, olhei para seu rosto e percebi que ela de fato acreditava no que esta-

va criando e dizendo ali. Ao ouvi-la, a menorzinha voltou para sua cadeira e assistiu às cenas descontraidamente, sem mais medos. Da mesma forma, eu também estava em busca de esclarecimentos assim precisos, resolutos, querendo saber mais sobre uma possível origem para a provada percuciência do olhar de Freud quando me deparei, no portal do *Ancient Hebrew Research Center*<sup>21</sup>, com o tal sumário focado em textos bíblicos. Na ocasião em que o li pela primeira vez, tempos atrás, pelo menos um de seus leitores havia postado um comentário, mencionando que seu conteúdo era muito simplificador, enquanto outros o elogiavam. Não é para menos. Seu autor afirma que culturas relevantes no passado, como a hebraica e a grega, tinham modos bastante diferentes de pensar e de se expressar. O pensamento grego via o mundo com a mente (pensamento abstrato), e o pensamento hebreu via o mundo

com os sentidos (pensamento concreto). A cultura grega influenciou várias outras no ocidente, inclusive a hebraica moderna, na Israel de hoje. No hebraico os cinco sentidos são usados quando se fala ou se ouve, se escreve ou se lê. É citado um exemplo do Livro dos Salmos (capítulo 1, versículo 3), sobre o homem justo: “Ele é como árvore plantada junto a uma corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha”. Nessa passagem, palavras que expressam coisas concretas falam de pensamentos abstratos, por exemplo *árvore* (alguém correto, direito), *corrente de águas* (graça divina), *fruto* (bom caráter) e *folhagem que não murcha* (prosperidade). Pensamento abstrato, prossegue o texto, é expressão de conceitos e idéias que não podem ser vistos, tocados, cheirados, saboreados ou ouvidos. O antigo hebreu nunca usa pensamento abstrato como o faz o inglês. Exemplo de

A convivência de Freud  
com a fala de seus ancestrais  
e com as leituras bíblicas  
em tão pouca idade  
terá, sim, direcionado  
seu modo posterior  
de produzir pensamentos  
e de agir.

O hebraico usa  
pensamentos concretos,  
e não abstratos,  
mas aqui temos alguns  
conceitos abstratos  
como *compassivo*,  
*misericordioso*,  
*raiva e amor*  
na frase hebraica.

pensamento abstrato, nos Salmos 103.8: “O SENHOR é misericordioso e compassivo; dificilmente fica com raiva, e é transbordante de amor”. (The *LORD* is *compassionate* and *gracious*, slow to *anger*, abounding in *love*). O hebraico usa pensamentos concretos, e não abstratos, mas aqui temos alguns conceitos abstratos como *compassivo*, *misericordioso*, *raiva e amor* na frase hebraica. Em verdade, o que há são palavras inglesas abstratas traduzindo palavras concretas do original hebraico. E prossegue esclarecendo que os tradutores frequentemente traduzem desse modo porque o original hebraico não faz sentido quando literalmente traduzido para o inglês. Tomando como exemplo uma palavra abstrata, demonstra como isto funciona. *Anger* (raiva), uma palavra abstrata, é usada aqui para traduzir uma palavra do hebreu (אף/a.p/awph) que significa, literalmente, “nariz”, uma palavra concreta<sup>22</sup>. Quando alguém

está muito enraivecido, começa a respirar com dificuldade e as narinas começam a flamejar<sup>23</sup>. Um hebreu vê *raiva* como “o flamejar do nariz (narinas)”. Se o tradutor vertesse literalmente a passagem acima como “*slow to nose*” não faria sentido para o leitor inglês, então “אף”, nariz, é traduzido como “raiva” nesta passagem.

O texto segue dizendo que o pensamento grego descreve objetos em relação com sua aparência, enquanto o pensamento hebraico considera objetos em relação com sua função. Um cervo e um carvalho, exemplifica, são dois objetos muito diferentes e nunca os descreveríamos do mesmo modo com nosso modo grego de pensar. A palavra hebraica para ambos é איל/a.y.l/ayil porque a descrição funcional desses dois objetos é idêntica para os antigos hebreus e, assim, a mesma palavra é usada para ambos. A definição hebraica para איל é “um líder forte”. Um cervo macho

é um dos mais poderosos animais da floresta e é visto como “um líder forte” entre eles. Também a madeira da árvore do carvalho é extremamente rija (quando comparada à de outras árvores, por exemplo, como a do pinheiro, que é macia) e é vista como uma “líder forte” entre as árvores da floresta. Esta palavra hebraica איל é traduzida das duas diferentes maneiras em versões do Salmo 29.9: em uma delas (as inglesas NASB e KJV)<sup>24</sup>, esse versículo é traduzido como “A voz do SENHOR faz ‘o’ cervo parir”, isto é, faz parir o *cervo macho*. Observo, aliás, que João Ferreira de Almeida, tradutor da versão portuguesa, em vez de algo como a tradução inglesa “*the deer to calve*”, nos trouxe: “A voz do SENHOR faz dar cria às corças”. Outra versão do trecho bíblico (NIV)<sup>25</sup> o traduz como “A voz do SENHOR chacoalha os carvalhos”. A tradução literal deste versículo no pensamento hebraico poderia ser “A voz do SENHOR faz com que os fortes líderes se curvem”. Ao traduzir do hebraico para o inglês, o tradutor precisa dar uma descrição grega a esta palavra, razão pela qual há dois diferentes modos de traduzir esse versículo. Outro exemplo do modo grego de pensar é dado na seguinte descrição de um lápis comum: “é amarelo e é comprido, medindo cerca de 15 cm”. Da maneira hebraica, a descrição do lápis poderia ocorrer pela função e ficaria: “Eu escrevo palavras com isto”, e explica que a descrição hebraica usa o verbo “escrever” enquanto a descrição grega usa os adjetivos “amarelo” e “comprido”. O tópico é concluído com a afirmação de que, por causa dessa forma hebraica de descrições funcionais, verbos são mais frequentemente usados do que adjetivos.

Explica ainda o autor que a cultura grega descreve objetos em relação com o próprio objeto, enquanto a cultura hebraica descreve objetos em relação ao hebreu. No exemplo do lápis, a descrição

grega retrata o relacionamento do lápis com o próprio lápis usando a palavra “é”. O hebraico descreve o lápis em relação com o próprio hebreu dizendo “eu escrevo”. Como o hebraico não descreve objetos em relação aos próprios objetos, diz, o vocabulário hebraico não tem a palavra “é”. Nessa mesma linha, uma descrição grega de Deus poderia ser “Deus é amor” que descreve Deus em relação com Deus. Uma descrição hebraica poderia ser “Deus me ama” descrevendo Deus no relacionamento comigo.

Esclarece o autor, em seguida, que os substantivos gregos são palavras que se referem à pessoa, lugar ou coisa, enquanto os substantivos hebraicos se referem à ação de uma pessoa, lugar ou coisa. Os hebreus são um povo ativo e seu vocabulário reflete esse modo de ser. O autor exemplifica: a cultura grega reconhece palavras como “joelho” e “presente” (pode ser dádiva também) enquanto substantivos

que por eles mesmos não comunicam ação. No vocabulário hebraico, porém, tais substantivos vêm da mesma raiz da palavra ברך/b.r.k, porque eles são relacionados não com aparência, mas com ação. A palavra hebraica para joelho é ברך/b.r.k/berak e significa literalmente “a parte do corpo que curva”. A palavra hebraica para dádiva é ברכה/b.r.k.h/berakah, significando “que é trazida com o joelho curvado”. O verbo com a raiz da palavra é ברך/b.r.k/barak, significando “curvar o joelho”. Como se percebe, ambos – verbos e substantivos hebraicos – se associam (entre si) na prática da ação, o que não ocorre com os substantivos gregos.

Na medida em que fui lendo tal sumário, cada vez mais me surpreendia com o que ali se encontrava escrito. Pode até ser que nesse texto tenham sido usados, “como os escritores bíblicos, em parte o fato histórico, em parte a imaginação”<sup>26</sup>, mas depois que o li ficou

mais fácil imaginar que para os humanos – como acho que Freud os via, à semelhança daqueles antigos hebreus – seria mais *natural* estar com a palavra grudada em si, e não ao modo como se dá a palavra urdida pelos antepassados gregos (cultura ocidental) que adora voar (feito alma) se possível para longe de nós. E fiquei ainda mais entusiasta do fato de Freud tanto escrever na primeira pessoa.

Enquanto este e outros textos análogos na Internet e Boman em seu livro apontam para tais diferenças, outros que também já as haviam visto buscam uma reorientação na língua da ciência ocidental. Por exemplo, a física e historiadora de ciência Evelyn Fox Keller, professora do MIT, de 70 anos, manifesta em seus escritos um “rigor implacável no exame das metáforas e do vocabulário que a ciência da hora se permite usar”, como anota Marcelo Leite<sup>27</sup>. Para Keller, ele diz, “a cultura epistemológica ocidental está viciada em dicotomias e categorias baseadas em propriedades fixas”. Keller está convencida de que “esses hábitos mentais partitivos remontam à própria mentalidade inscrita nas línguas ocidentais” e na forma com que são ensinadas às crianças. Um pai ocidental, diz ela, tende a ensinar nomes associados com propriedades e componentes (ênfase em substantivos). Já um oriental enfatizaria mais as relações entre objetos e as ações entre pessoas mediadas por esses objetos (ênfase em verbos). A esperança de Keller em *verbalizar* a ciência (no caso, a biologia) talvez se torne realidade a partir de contatos que ela tem feito com cientistas, na China<sup>28</sup>. Richard Nisbett, do Departamento de Psicologia da Universidade de Michigan em Ann Arbor (EUA), também aponta para as diferenças culturais – principalmente na educação das crianças – como explicação para o distinto modo de ver o mundo pelos chineses e pelos americanos, observado

**E**nquanto este e outros textos análogos na Internet – e Boman em seu livro – apontam para tais diferenças, outros que também já as haviam visto buscam uma reorientação na língua da ciência ocidental.

“Mães americanas tendem a usar mais substantivos, e a usar mais objetos ao brincar com seus filhos pequenos. Já as chinesas e coreanas utilizam mais verbos e enfocam mais relações sociais”

em experimentos. Ele afirma que “Mães americanas tendem a usar mais substantivos, e a usar mais objetos ao brincar com seus filhos pequenos. Já as chinesas e coreanas utilizam mais verbos e enfocam mais relações sociais”<sup>29</sup>. Lidas essas coisas, fico a imaginar se Freud, nesse contexto, já não teria estado à frente da ciência ocidental e do seu tempo, também pelo que há de sua ancestralidade na psicanálise. Diz Fuks: “o imperativo de lembrar na análise, para romper sobretudo com significações *a priori* e efetuar mudanças, é o meio pelo qual o sujeito se vê obrigado a comentar-se a si mesmo, a ler os traços de sua própria história, e reescrevê-lo diante de suas dores e sofrimentos, de seus sintomas, inibições e angústias... bem como de suas alegrias. Trata-se exatamente daquilo que John Austin denominou de atos de fala, onde o dizer equivale a um fazer, pois produz mudança eficaz de

sentido na situação”<sup>30</sup> (grifo meu). E crendo nisso, passo a entender mais profundamente esta afirmação de Freud: “A Psicanálise tem apenas a vantagem de não haver afirmado, sobre uma base *in abstracto*, essas duas propostas tão penosas para o narcisismo – a importância psíquica da sexualidade e a inconsciência da vida mental – mas demonstrou-as em questões que tocam *pessoalmente cada indivíduo e o forçam a assumir alguma atitude em relação a esses problemas*”<sup>31</sup> (grifo meu). ■

## NOTAS

1. Conjecturo se Freud não deteria uma relação especial (pelo menos, digamos, *não ocidental*) com sua própria produção de palavras, a ponto de nos surpreender com sua capacidade de dar tanta relevância à palavra vinda do outro. Se isto se verificasse, estariam justificadas, pelo menos em parte, as destacadas dificuldades em traduzir seus textos no Brasil e noutros países ocidentais, dificuldades que podem não ter ocorrido nalguns países orientais, pelo menos não em nível que merecesse a sua divulgação por aqui.
2. Tal afirmação de Freud encontra-se, por exemplo, em “Tratamento psíquico (ou anímico)” (1890),

- Edição standard brasileira das obras completas de S. Freud (E.S.B.)*, Rio de Janeiro, Imago, vol. VII, p. 267, 1989.
3. S. Freud (1917), “Conferências introdutórias sobre Psicanálise”, *E.S.B.*, vol. XVII, p. 178, 1976.
  4. Uma visão inicial de Freud sobre esta integração encontra-se na leitura que K. Pribram e M. Gill fizeram em *O Projeto de Freud – um exame crítico*, São Paulo, Cultrix, 1976, por exemplo, nas p. 78-79 (aprendizagem e percepções).
  5. S. Freud (1895), “Projeto para uma psicologia científica”, *E.S.B.*, vol. I, 3. ed., p. 403, 1990.
  6. Como se sabe, esses autores foram consultados como especialistas pelos editores ingleses de Freud quando se cogitou a inserção dos rascunhos das obras completas (SE), como registra a E.S.B. (1940/1989), vol. I, p. 399 (Pribram) e p. 400 (Gill).
  7. K. Pribram e M. Gill, *op.cit.*, p. 8.
  8. S. Freud (1940) “Esboço de psicanálise”, *E.S.B.*, vol. XXIII, p. 316-317, 1975.
  9. F. Sulloway, “Freud, Biologe der Seele” (“Freud, biólogo da alma”), in Alfred Lorenzer, *Arqueologia da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987, p. 14.
  10. B. Fuks, *Freud e a judeidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, p. 139.
  11. B. Fuks, *op. cit.*, p. 19.
  12. E. Jones, *Vida e obra de Sigmund Freud*, 3. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 38.
  13. M. Kohn, *Freud e o lúdico: o pré-analítico*, Rio de Janeiro, Imago, 1994, p.11.
  14. S. Freud (1900), *E.S.B.*, 2. ed., vol. IV, p. 201, 1987.
  15. E. Jones, *op. cit.*, p. 40.
  16. P. Gay, *Freud, uma vida para nosso tempo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 24.
  17. E. Jones, *op. cit.*, p. 57.
  18. S. Freud (1925), “Um estudo autobiográfico”, *E.S.B.*, vol. XX, 1988, p.16.
  19. *Sigmund Freud e arqueologia*, Rio de Janeiro, Salamandra, 1994, p. 169.
  20. T. Boman, *Hebrew thought compared with Greek*, New York, W.W. Norton & Co., 1970.
  21. O texto, em inglês, está na página [http://www.ancient-hebrew.org/12\\_thought.html](http://www.ancient-hebrew.org/12_thought.html), e pode ser reproduzido para objetivos educacionais sem fins lucrativos. Fiz a tradução. A cópia está em <http://www.shamar.org/articles/hebrew-thought.htm> e, mais resumido, sob o título *God is a verb*, em [http://danceofthemind.typepad.com/mind/2006/01/i\\_took\\_a\\_class\\_.html](http://danceofthemind.typepad.com/mind/2006/01/i_took_a_class_.html).
  22. Ver T. Boman, *op. cit.*, p. 103.
  23. A propósito, é interessante observar a ênfase com que Freud (1890) discorre sobre as exteriorizações das emoções em “Tratamento psíquico (ou anímico)” em *E.S.B.*, vol. VII, 1989, p. 270-271.
  24. Sobre essas traduções bíblicas, há informações no portal <http://www.biblegiftstore.com/todpar-bibniv.html>.
  25. O portal <http://www.ibs.org/niv/> traz informações sobre essa versão.
  26. Comentário lido em <http://portaleses.cict.fiocruz.br/> sobre o livro de Moacyr Jaime Scliar, *Da Bíblia à psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica* (Doutorado). Fundação Oswaldo Cruz, ENSP, 1999.
  27. Reportagem de Marcelo Leite, *Folha de S. Paulo*, 15/05/2005, “Ciência em dia”, in *Biologia desorientada*.
  28. Em <http://sun3.lib.uci.edu/~scctr/Wellek/keller/> e em inúmeras outras referências na Internet são encontradas informações sobre Evelyn Fox Keller e suas idéias.
  29. O experimento está descrito no caderno Ciência da *Folha de S. Paulo* de 23/08/2005 sob o título “Chineses e americanos enxergam mesma imagem de modo distinto”.
  30. B. Fuks, *op. cit.*, p. 139.
  31. S. Freud (1917), *E.S.B.*, vol. XVII, 1976, p. 179.